

conhecimento

Uma experiência pra lá de internacional



Luiza Meyer*

Tenho muito carinho pelo programa *High School*. Para quem não sabe, é o intercâmbio destinado a jovens do Ensino Médio que saem de seus países de origem por um ou dois semestres letivos. O destino costuma ser escolhido analisando desde a língua estrangeira de interesse, afinidade cultural até, é claro, o tamanho do bolso de quem está financiando a empreitada. Ultimamente, tenho deparado com uma curiosa tendência: as escolas internacionais. Não que o tema seja novo, mas o que tem despertado minha atenção é a crescente demanda em torno deste tipo de experiência. Imaginem a cena: na mesma classe, em um animado debate sobre, digamos, o aquecimento global, encontram-se jovens da Turquia, Brasil, Alemanha, México, França, China e Coreia. Dá para imaginar a riqueza de uma discussão como essa?

Há alguns meses, vi o anúncio de uma nova escola nesses moldes a 40 quilômetros de Paris. Um lugar que abriga um “colégio-castelo”, que mexe com qualquer imaginário juvenil. Uma escola americana destinada a alunos internacionais, ou seja, com aulas ministradas em inglês, seguindo um currículo mais globalizado. Independentemente do local onde ela se encontra, porém, o que me fez pensar por dias a fio foi a descrição dos objetivos desta instituição. Após



Gözde Otman

uma temporada, a equipe pedagógica deseja que seus alunos sejam capazes de: produzir trabalhos que os prepare para o Ensino Superior e para a vida profissional em uma comunidade global; demonstrar, efetivamente, as habilidades para solucionar problemas em variadas situações; integrar a experiência e os conhecimentos obtidos e aplicá-los em situações do dia a dia; ser sujeito participativo no processo educacional; aprender a compreender os diferentes pontos de vista e permitir que esse aprendizado os ajude a formar sua própria perspectiva de mundo; desenvolver habilidades como empatia, autorreflexão e paciência em situações incertas.

Sem dúvida, uma escola como esta proporciona um ambiente fantástico, que só por reunir uma pequena comunidade global já favorece

a conquista de objetivos como os descritos acima. Sim, o número de alunos em classe é reduzido, e é também verdade que esta mesma rede de escolas, por estar presente em diversos países, torna possível que um aluno opte por cursar cada semestre em nações tão diferentes quanto a China, Polônia, França e Estados Unidos. Mas uma viagem também pode ser virtual, por que não? Quantos projetos podem ser desenvolvidos com parceiros em outro cantinho do mundo, em tempo real? Para quem pode viver *in loco* o que descrevi neste artigo, maravilha! Para quem não pode, a criatividade continua sendo o meio de transporte mais fantástico e eficaz. Aproveitem! ■

*Especialista em Educação Internacional

luizameyer@gmail.com